

Jornal-Laboratório Artefato: rumo ao popular¹

Luísa da Silva DANTAS²

Karina Gomes BARBOSA³

Universidade Católica de Brasília, DF

RESUMO

O jornal-laboratório Artefato buscou, em 2011, aprofundar a prática experimental do modelo de jornalismo popular de serviços, na tentativa de transcender o papel acadêmico formativo de futuros jornalistas e transformar-se em um veículo de relevância e impacto para a comunidade do entorno da universidade em que é produzido.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornal-laboratório; jornalismo popular; reportagem; comunicação.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Introduzido nas escolas de jornalismo nos anos 1970, como contraponto ao que era considerado extrema teorização dos cursos de jornalismo, e tornado obrigatório pelo Ministério da Educação em 1984 (Resolução 2/84), o jornal-laboratório é um espaço do aprendizado das técnicas, rotinas e normas de produção de um veículo impresso. Também é um espaço de experimentação, questionamento e reflexão constante da prática jornalística. Esta definição parece unir o que dizem nomes como José Marques de Melo, Luiz Beltrão e Bruno Fuser a respeito do estatuto do jornal. Como afirma Dirceu Fernandes Lopes, é “instrumento fundamental” nos cursos de jornalismo, ao oferecer ao estudante condições de “realizar treinamento na própria escola, possibilitando que coloque em execução, ainda que

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade jornal-laboratório impresso (conjunto/série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UCB-DF, email: luisadantas@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, email: karinag@ucb.br.

experimentalmente, os conhecimentos teóricos adquiridos (...) integra os alunos na problemática da futura profissão” (LOPES; 1989: 49)

De um lado, não pode se limitar à “reprodução” dos modelos vigentes no mercado e, de outro, não consideram apenas a criação de um modelo alternativo, desconectado da realidade da imprensa local aos estudantes.

Na Universidade Católica de Brasília, o jornal-laboratório existe desde 1999, primeiro como Art&fato e, depois de alguns anos, como Artefato. O jornal passou por várias fases, conforme apontado por Rafiza Varão e Janara de Sousa, que distinguem ainda três vertentes principais para este tipo de veículo no país: o de cobertura da IES; o temático; e o de variedades (que abordam os mesmos temas da imprensa local) (SOUZA E VARÃO; 2005: 5).

Sempre foi um jornal de posição intermitente no curso – com momentos de alto e baixo teor de envolvimento e penetração no curso. Ao mesmo tempo, teve ainda uma série de propostas editoriais plurais, como é característica de veículos laboratoriais em todo o país. Diante desse diagnóstico, desde 2010, havia uma busca por resgatar o valor simbólico do jornal-laboratório dentro do curso, estimulando constantemente os estudantes, desde o primeiro semestre, a desejarem cursar a disciplina, a se integrarem ao processo produtivo e a discutirem o jornal em sala de aula, com professores, entre si, com os repórteres.

Nesse processo de pouco enraizamento, variaram a periodicidade, o formato, a inflexão, a metodologia. Já foi jornal-mural, especial sobre jornalismo, tratou de política nacional. Ao analisar criticamente tais ciclos, percebeu-se que a historicidade do jornal vinha sendo deixada de lado, o que levava a uma desvalorização do veículo dentro da instituição. Até o segundo semestre de 2010 eram duas edições semestrais; no primeiro semestre de 2011, passaram a ser três. A meta era chegar a quatro edições semestrais em dezembro daquele ano.

Além disso, havia uma convicção entre os professores da disciplina que seria preciso transformar o jornal em algo mais que portfólio dos repórteres, mas em um veículo com projeto editorial e propósito jornalístico que abarcasse, mas não se esgotasse, no exercício laboratorial com fim intrínseco. Ou seja, desenvolver a ideia de um jornal construído a partir do interesse público, com público-alvo definido e estudado e que extrapolasse os muros da universidade. Havia, portanto, uma série de problemas detectados e cujas soluções vinham sendo planejadas, até que no segundo semestre de 2011 lançou-se e/ou consolidou-

se uma série de iniciativas que visavam melhorar o aprendizado dos estudantes, o envolvimento com a disciplina e a importância cidadã do jornal:

- construção de uma redação jornalística;
- aproximação com o professor de diagramação;
- aumento do número de edições, para atender a exigência do MEC e possibilitar o verdadeiro exercício laboratorial aos alunos;
- redação de um projeto editorial;
- mais controle nas hierarquias e funções editoriais.

O jornal é coordenado por um professor, que orienta as turmas matutina e noturna, por um professor editor de texto e outro, de arte. Ainda conta com a participação dos professores de fotografia e outros colaboradores. Cada turma possui 30 vagas para estudantes que, em geral, estão no sexto semestre do curso.

2. OBJETIVOS

O objetivo geral desta iniciativa foi produzir, durante um semestre letivo, quatro edições do jornal-laboratório **Artefato**, produto laboratorial da disciplina Produção e Edição de Imprensa⁷, no âmbito do jornalismo popular de serviços.

Nesta perspectiva, configuraram-se como objetivos específicos:

- Experimentar a prática da apuração, produção e edição jornalísticas;
- Debater constantemente o alcance, as técnicas e os limites éticos do veículo jornal;
- Compreender o público-alvo a quem o jornal se dirige em busca de definir abordagem e angulação na cobertura;
- Aplicar técnicas de diagramação e fotografia à proposta de jornalismo popular praticada pelos estudantes.
- Experimentar e consolidar práticas e rotinas produtivas da produção de um jornal de periodicidade mensal;
- Incitar nos estudantes a cultura do respeito aos prazos;
- Praticar diferentes funções editoriais e responsabilidades no processo produtivo jornalístico, do repórter ao editor-chefe.

É importante também apresentar os objetivos elencados no projeto editorial construído para o semestre, pelos estudantes:

⁷ Disciplina obrigatória do Curso de Jornalismo, do sexto semestre.

1. Colocar em prática tudo aquilo que os alunos aprendem dentro e fora da Universidade;
2. Desenvolver a cooperação dos alunos;
3. Estimular o trabalho em grupo;
4. Contribuir para a integração entre alunos de diversos semestres;
5. Contribuir para que o público-alvo atinja um maior conhecimento de leitura, escrita e interpretação de forma clara;
6. Aprender a respeitar hierarquia dentro de uma redação;
7. Propiciar o aprendizado direto com as fontes;
8. Estimular a competência e a criatividade de cada aluno;
9. Permitir aos alunos o contato direto com a fotografia, reportagem, pauta, redação, edição e diagramação;
10. Instigar a crítica jornalística dos alunos;
11. Desenvolver a capacitação de *deadline* dos alunos na produção jornalística;
12. Estimular os alunos à prática da escrita jornalística.

3. JUSTIFICATIVA

A Universidade Católica de Brasília é a única universidade privada do Distrito Federal. Situa-se em uma das maiores e mais desenvolvidas regiões administrativas do DF, Taguatinga, e no limiar de outra R.A., Águas Claras. Esta, o maior canteiro de obras da América Latina e bairro vertical, tem 15 anos, e ultimamente apresenta grande crescimento econômico e populacional. Um dos distritos de Águas Claras chama-se Areal. Toca a universidade fisicamente – nos muros que dividem espaço com as casas – e é tocada por ela, no impacto econômico e social que recebe com a presença da instituição.

Este contexto econômico, muito distinto das outras principais instituições que possuem o curso de jornalismo no DF e que produzem jornais-laboratórios, engloba rendas *per capita* altíssimas, como em Águas Claras (sobretudo graças à presença de servidores públicos), e IDHs baixos, no Areal, no Riacho Fundo II, no Recanto das Emas, na Estrutural e em outras regiões próximas, que têm pouca presença do estado e carências históricas de educação, saneamento, infraestrutura, transporte público e acesso às TICs.

Diante desse entorno, desse extra-muros tão rico e desafiador, estimulados pelos professores, os estudantes do Artefato assumiram o desafio de realizar um jornal voltado para algumas dessas comunidades, especificamente as que têm menos acesso a jornais, internet, revistas, TV a cabo, com base nos dados da Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílios (PDAD), divulgada anualmente pela Codeplan-DF.

Para falar a este público, escolheram a linguagem do jornalismo popular de serviços. De acordo com Macia Franz Amaral, esse tipo de jornalismo – que herda do *penny press* a ligeireza, o apetite pelo *fait divers*, o gosto pelo sensacional, exótico e popularesco – tem nos últimos anos inflexionado rumo a um jornalismo que proporcione um sentido de inclusão:

Atualmente, os jornais preocupam-se com que o leitor tenha um sentimento de pertencer à determinada comunidade, percebendo que o jornal faz parte do seu mundo. Assim, o sensacionalismo continua existindo, principalmente por intermédio da exacerbação dos relatos, mas é um conceito que não basta porque é generalista e não dá conta de importantes características dos novos jornais populares. (AMARAL; 2006: 24).

É importante ressaltar a característica cotidiana do jornal popular: em vez dos ideais de opinião e visão de mundo, trata-se da “vida da cidade” (GABLER; 1999: 62). Tal característica, explorada por Neal Gabler, Amaral e outros, é uma das marcas do jornalismo proposto para o Artefato. Sair da esfera do jornalismo de referência (AMARAL; 2006) para um jornalismo que olhe para a cidade, para as cidades. No Distrito Federal, é como se o Artefato marcasse uma posição: em vez de olhar para “o quadradinho” (a imagem do Plano Piloto demarcado no mapa), pousar o olhar sobre o que se encontra no entorno.

Pedagogicamente e metodologicamente, a mudança de rumos do jornal-laboratório vinha já se operando desde o primeiro semestre de 2010. Com maior ou menor sucesso, os repórteres abraçavam a ideia de escrever para este público. Os motivos para que o jornal tenha, aos poucos, introduzido este modelo – consolidado no segundo semestre de 2011 – podem ser resumidos a seguir:

- Dar conta, jornalisticamente, de uma realidade social que é marginalizada na cobertura diária dos veículos de referência do DF;
- Estimular os estudantes a diversificarem o olhar jornalístico para além das pautas agendadas e mais à vista;
- Aprofundar os laços com uma comunidade profundamente impactada pela presença da universidade e marcada por indelévels contradições sócio-econômicas e culturais;

- Exercitar as técnicas de produção jornalística, notadamente as que dizem respeito ao texto, voltadas para um público-alvo concreto, embasado por meio de indicadores, e também distinto daquele com o qual, costumeiramente, se trabalha no ensino do jornalismo;
- Estreitar a vocação extensionista da universidade, que estende sua atuação para várias dessas comunidades que, durante o semestre, se tornaram público-alvo e espaço de abrangência do veículo.

4. METODOLOGIA

O jornal organiza-se em torno de uma redação que busca afinar as rotinas produtivas com papéis claramente definidos. Para isso, no segundo semestre de 2011, o Curso inaugurou uma redação física, com 30 computadores, mesa de reunião de pauta, equipamentos de apuração e arquivo, para proporcionar maior aproximação com a experiência laboratorial de vivência de um ambiente de redação.

No início do semestre os alunos foram apresentados a um balanço do semestre anterior, com os principais acertos e erros, e à proposta de um jornal popular, de serviços, voltados para as classes B, C e D do entorno do Plano Piloto. A linha editorial, portanto, focava-se no “no jornalismo de utilidade pública e interesse social”. Ao aceitarem o desafio, as duas turmas, em discussões virtuais e presenciais, começaram a delinear o que viria a ser o projeto editorial do jornal, uma iniciativa retomada nesse semestre para nortear todas as decisões conceituais e práticas do semestre.

Os estudantes optaram por trabalhar com editorias fixas: Cidades, Sustentabilidade, Política/Economia e Cultura. Na última página optaram por um texto mais livre, com características de jornalismo literário ou narrativo: naquele espaço, denominado ponto e vírgula, poderiam entrar perfis, entrevistas, crônicas, críticas, artigos, obituários. Também decidiram que o jornal deveria possuir um espaço lúdico, com palavras-cruzadas e/ou caça-palavras. E, finalmente, optaram por, no início da publicação, uma sessão com notícias mais leves e rápidas, em vez do material de mais fôlego em geral produzido para as páginas mais centrais. A figura do ouvidor, chamada de ombudsman ou ombudskvinna, institucionalizada em 2005 (SOUSA E VARÃO; 2005: 11), continuava presente, na pessoa de um estudante que já tivesse passado pela disciplina, com aprovação destacada. O ombudsman era escolhido pelo professor da disciplina e ficava durante o semestre acompanhando o jornal.

Nas discussões ficou clara também a inflexão para um jornalismo de forte caráter social:

que aborde temas relevantes e de interesse à população, utilizando de recursos e fontes mais significativas, em assuntos intimamente ligados ao cotidiano da população, de forma a contribuir para melhorias, desenvolvimento de práticas e políticas que possam vir a somar a essas comunidades.

Definidas as diretrizes gerais, os estudantes elaboraram, em conjunto, o projeto editorial, com as seguintes seções: Missão, Visão, Valores, Linha Editorial, Formatos, Funções, Editorias, Público-Alvo. Com o projeto editorial definido e como apoio às decisões editoriais, partiram para a construção do projeto gráfico, seguindo tradição do jornal-laboratório que, a cada semestre, renova logomarca e todos os elementos visuais. Mantém-se apenas o formato tablóide, de 20 páginas coloridas.

Na primeira reunião de pauta de cada turno, as funções editoriais são divididas nos seguintes cargos (espelhados de manhã e à noite): editor-chefe; editor de arte; editor de fotografia, editores de texto (três em cada turno). Pela primeira vez atribuiu-se o cargo de editor web a um estudante. Dois diagramadores por turno também era escolhidos. Os outros alunos formavam o grupo de repórteres da edição. Cada edição possuía uma tabela com pautas, fotógrafos e editores. As matérias tinham prazos de entrega para primeira, segunda e terceira versões, antes da versão final, corrigida e finalizada pelo professor em parceria com os editores-chefes.

Dentro das rotinas produtivas do jornal, há dois semestres o Curso já vinha realizando uma parceria com a disciplina de Fotojornalismo, em busca de aumentar a integração curricular. Os alunos da disciplina, do quarto semestre, participavam da reunião de pauta, escolhiam o que desejavam fotografar, conheciam os repórteres e obedeciam aos mesmos *deadlines* dos repórteres, coordenados pelos professores de fotografia. Com o material produzido, tinha início a diagramação do material, feita pelos estudantes com o apoio do professor de design. Essa sempre foi a área mais nevrálgica da disciplina, mas com a criação da redação física, os alunos puderam ter mais recursos para diagramar com mais autonomia. Com o jornal na gráfica, uma reunião de balanço era realizada a cada edição. O último passo consistia na entrega do jornal pelos alunos, em uma tabela de distribuição que privilegiava estações do metrô, alguns pontos estratégicos dentro da universidade, as redações de jornalismo do DF e as outras escolas de jornalismo da capital. De acordo com a

metodologia proposta, apenas estavam elegíveis para a nota máxima da disciplina (10) quem cumprisse todas as funções editoriais assumidas a cada edição; que entregasse os jornais; e colaborasse com todo o processo de fechamento. Os alunos que não entregam jornal podem tirar, no máximo, 7, nota mínima para a aprovação.

5. AS EDIÇÕES

As quatro edições do jornal demonstraram a adequação parcial ao projeto editorial e às aspirações dos estudantes ao longo do processo. As capas versaram sobre entulhos da construção civil; um grupo de mulheres vítimas de abuso que jogavam futebol em um campo de terra; as deficiências de uma região administrativa periférica do DF; e direitos trabalhistas e sociais das empregadas domésticas.

Ao longo do semestre, a produtividade alta dos estudantes foi fundamental para que, em negociação com a Universidade, o jornal-laboratório aumentasse para 24 páginas. Explorou-se mais fotos e infografias, bem como uma diagramação mais leve, com o aproveitamento contínuo dos espaços negativos.

Um dos impactos positivos do jornal foi ver transformada em pauta para diversos veículos da cidade uma das pautas (a do grupo de mulheres). Muitos veículos populares, como o jornal *Aqui-DF*, dos *Diários Associados*, e telejornais da *Record*, produziram a matéria – depois, inclusive, de entrar em contato com a redação para pedir os contatos das personagens – comprovando que o jornal caminhava no rumo certo e valorizava, em geral, valores-notícia adequados àquele público-alvo e àquela proposta editorial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O segundo semestre de 2011 foi o primeiro em que o jornal desfrutou, depois de mais de uma década de existência, de uma redação própria. Os impactos deste espaço são altamente positivos no engajamento dos estudantes com o processo produtivo do jornal, com a integração entre as turmas – que dividem o mesmo espaço. Muitos estudantes, inclusive, assistiam às aulas e participavam das discussões nos dois turnos, fortalecendo a ideia de uma redação em dois turnos, e não duas redações com um jornal.

Foi também o primeiro semestre no qual estudantes da manhã editaram textos de estudantes da noite, com resultados, no geral, satisfatórios. Os resultados da parceria com a

turma de fotojornalismo, já em processo de consolidação, proporcionaram muita qualidade às imagens – em geral.

A elaboração do projeto editorial por escrito trouxe como ganhos uma consciência maior dos alunos às pautas adequadas, angulação e abordagem das matérias. Também ajudou no cumprimento de rotinas produtivas, processo fundamental para que se perceba o funcionamento editorial de um veículo impresso.

A editoria web, ainda sem um espaço fixo para desaguar as produções e iniciativas multiplataforma, foi inconstante. Os alunos não conseguiram reproduzir, na internet, o cumprimento de tarefas dedicado ao jornal impresso.

Talvez um dos pontos mais controversos da experiência do exercício do jornalismo popular tenha dito respeito ao texto. Confrontados com espaços menores, textos mais curtos e diretos, ditados pelo modelo editorial, os estudantes, muitas vezes, se distanciaram da proposta de fazer jornalismo popular. As pautas até possuíam este viés, mas a linguagem estava mais próxima à do jornalismo de referência e, muitas vezes, do jornalismo literário. Essa dificuldade demonstra um descompasso curricular na estrutura do curso: ao longo dos cinco semestres anteriores, os alunos são pouco ou nada familiarizados com o jornalismo popular e, ao se depararem com ele no jornal-laboratório, muitas vezes sentiam dificuldade em desenvolvê-lo.

Em especial, detectou-as seguintes dificuldades no texto:

- Exercício do nariz de cera com orações generalistas;
- Dificuldade em trabalhar com dados na linguagem visual (quadros, infografias, numerárias);
- Deficiências com a pirâmide invertida, que levaram a problemas na hora de cortar os textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARTEFATO. **Projeto editorial**. Brasília: agosto de 2011.

GABLER, Neal **Vida: o filme**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LOPES, Dirceu Fernando. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Para uma pedagogia do jornal-laboratório.** Santos: Cadernos de PósGraduação da Universidade Católica de Santos - Comunicação. Nº 48, dezembro de 2001.

SOUSA, Janara Kalline Leal Lopes de e VARÃO, Rafiza. **Recriando o jornal-laboratório: uma experiência metodológica e editorial diferente.** In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.